Natalino Eldritch: Histórias de vida e tragédia

Este texto pertence ao Natalino Eldritch estou guardando ele por arquivamento desta obra belíssima

Então, quais são as histórias de vocês?— Disse Atemoc mordendo um pedaço do carneiro. Suas próteses de madeira estalando em cada mastigar, a gengiva, com esse atrito, sangrava uma hemorragia ligeira devido ao serviço feito nas coxas em sua dentição.

—Por que a pergunta repentina, anão? — Indagou Azarias, o elfo necromante. A pele pálida parecia refletir a luz da lua, cintilante em tons de prata, como se o próprio fosse alguma escultura de metal

precioso. Os olhos quase sem cor encaravam o céu estrelado.

— Curiosidade — Disse imediatamente — Estamos todos juntos faz algum tempo. Trocamos palavras, planos, mas sinto que nunca conversamos de fato.

— Se não te conhecesse, diria que está perguntando isso porque você gosta da gente e quer ser mais próximo. Será que é isso? O magnífico anão enfim descobriu que o verdadeiro tesouro são os amigos que fazemos pelo caminho? — Interveio Lorenzo, o humano ladrão. O seu sarcasmo era quase palpável. Escárnio

escorrendo em abundância em cada gesto, pensamento e palavra.

—Porra nenhuma! Eu rebolaria de ladinho antes de ter qualquer simpatia para com você e sua laia. — Cuspiu no chão. Levou o dedo ao nariz, cutucando o interior úmido de seu respirado e voltou a falar, a voz saindo fina— Só quero que, caso eu morra, vocês idiotas tenham algo glorioso para escrever no meu epitáfio, algo que vá além de anão com machado.

— Com o amante de defunto aqui, eu duvido que você vá morrer de fato, ou mesmo ter um epitáfio para início, ou

melhor, fim de conversa. — Acrescentou o humano.

— Eu o faria não só com ele, mas com você também. Passaria meus dias obrigando seus restos a lutarem entre si.

—Disse enquanto desenhava um símbolo arcano na terra fofa que lhe servia de travesseiro. Pensou sobre as palavras do Anão, mas logo teve seus pensamentos interrompidos por ele.

— Por isso que eu gosto desse orelha de buceta. Salões de hidromel, quilômetros de banquetes, as mais belas vadias mentirosas, isso tudo e os outros paraísos

somados, ainda assim, não iriam se comparar ao prazer de espancar esse ladrão pela eternidade.

— Isso só prova que você me ama. Nunca vi um inimigo deixar o prazer da paz em prol de sua peleja pelo seu objeto de ódio. Um amante apaixonado, no entanto…

Sabendo que o conflito entre os dois seguiria, tomando a frente e interrompendo qualquer nova animosidade, o necromante falou.

— Deixando essa infantilidade de lado, anão, você poderia falar sobre si próprio. Afinal, a sugestão foi sua em primeiro lugar.

—Oh, oh, essa eu quero ver! Fala, cachorrinho de Kobold, conte-nos os contos da ganância crônica de sua raça.

Ignorando as brincadeiras do ladino, numa curta autoconsciência, o guerreiro encarou seu reflexo na lâmina polida do machado que descansava ao seu lado.

— Francamente, não tem muito a ser dito. — Começou num tom sério. — Eu quero dinheiro. Ouro, prata, jóias, qualquer coisa que brilha e tem algum valor já me serve.

— Isso te traria felicidade, anão? Empilhar metal sobre metal, assistindo esse acúmulo crescente de aventura em

aventura? É só isso? O dinheiro pelo dinheiro? Ganância é o que te trás felicidade? — Disse o elfo de maneira inquisitiva. Devido a seriedade de ambos o humano escolheu se calar

- Não, Azarias. O dinheiro não trás felicidade, mas ele viabiliza a busca por ela.— Falou encarando o necromante— Você não entende, não entende porque vai viver mais do que o ouro, que as jóias, mas para mim, para o humano, embora a riqueza não compre tempo, ela permite que a gente possa aproveitá-lo e, por extensão, viver. Quanto mais pobre se é, mais obrigações se tem, e por consequência menos se vive. Por mais avarento que possa soar, é inegável que sem isso, não tendo a mesma mortalidade que a sua, quem de nós pode viver plenamente?

Nesse momento, os dois, necromante e ladrão, calaram-se. Ambos absorviam as palavras de seu companheiro de armas, ambos pensando sobre não com desdém, mas com certo respeito que, no fim, nunca admitiriam sentir. O anão continuou falando.

— Existe muito nesse mundo. Lugares, pessoas, experiências, infelizmente tudo se limita ao alcance dos meus bolsos. Por isso eu trabalho para viver ao invés de fazer o contrário. Tenho fé, e rezo para que no fim, quando esse maldito corpo endurecer, quando a vida me escapar

entre os dedos, apesar da inegável morte, pelas coisas boas que persegui, meu cadáver vai estar sorrindo enquanto queima. Esse é meu motivo. A merda que me chuta para fora da cama todos os dias.

Um silêncio tenso se instalou. Muito poderia ser dito. Os outros dois queriam concordar, perguntar, mas não eram próximos o bastante para tal. Diante disso, o necromante falou, disse a única coisa que poderia ser dita, falou sobre si mesmo.

— Eu quero compreender a vida, a existência em si. Por isso tornei-me necromante.

— Soa meio, qual a palavra, contraditório? Como você quer entender a

vida através do oposto dela? — Lorenzo ergueu as sobrancelhas, confuso.

— Você está partindo do pressuposto de que vida e morte são diferentes, mas não! São a mesma coisa. A decadência nada mais é que uma extensão da vida, de modo que, diante de um olhar profundo, a morte em essência não existe. Tudo se decompõe, de fato, mas nada se perde.

—Respirou fundo. Pensou calmamente. Controlou sua paixão pelo assunto, seu desejo de rir, de sorrir, queria fazer sentido, que lhe entendessem— Apodrecendo, seus restos servem para sustentar a terra, em sua partida, a sua memória, o que você fez ou deixou de fazer, influencia os outros, que por sua vez vão influenciar outros, e assim vai. De certo modo, todos somos imortais. Nada se perde. Morte não existe como um fim absoluto, mas como uma transição, uma

metamorfose, transformando e mudando a vida que segue e segue.

— E vale a pena, amigo? Ser perseguido, mal visto, tudo em prol de suas convicções? — Questionou o ladino.

— Se não estou disposto a arriscar a vida pelo que acredito, então, como saber que minhas crenças têm algum valor? Se você não está disposto a morrer por uma causa, então, que sentido tem viver por ela? — Respondeu prontamente, sem hesitar, a determinação transbordava seu peito. Sentia em sua mente, corpo e alma que, de alguma forma, mesmo que num nível rudimentar, estava certo. Nem mesmo a menor dúvida lhe ameaçava.

O silêncio retornou. O ladrão suspirou. Era sua vez.

— Eu vim de uma família rica. Por si, isso já deixa claro que eu nunca passei qualquer necessidade. Nasci com a bunda virada pra lua e dentro da bunda tinha uma colher de prata. Como se isso não fosse o suficiente, não era o primogênito, então as responsabilidades, o fardo, tudo caiu sobre os ombros do meu irmão mais velho. Cresci conhecendo preocupação não como conceito, mas somente por sua definição em dicionário.— Respirou fundo. Sentiu um peso invisível lhe esmagando a essência. Nunca tinha confessado seu passado a

qualquer um. Lhe doía machucava, mas alguma coisa o fazia continuar.

— Peitos me surraram a cara na minha esquerda, caras me apertando a virilha direita. Engordei com luxúria, afoguei na boêmia, provei todo prazer ao alcance do meu status. E imaginei que vida seria isso até seu fim. Até que meu irmão morreu. -- Olhou para as mãos. Sentiu que ambas tremiam, chacoalhando como o farfalhar de folhas.

— Eu o adorava tanto quanto possível. Quando ele se foi, era como se uma parte de mim tivesse ido junto. Ainda assim, tentei tomar seu lugar, fazer o que ele faria, dizer o que ele diria. Viver seu legado como maneira de honrá-lo. Isso incluía o casamento arranjado. Aquela mulher, apesar das circunstâncias, o amava. Um sentimento que ela nunca poderia sentir comigo. Me ver, ou mesmo a ideia de ter que se casar com alguém que seria uma lembrança constante da pessoa que perdeu, a entristecia. E quando mais se aproximava o nosso dia, quanto mais tempo passava próximo dela, mais eu sentia o mesmo. Eu não era meu

irmão e ela não era minha. Não pude conviver comigo mesmo, com o que estava prestes a fazer, então fugi. Tomei a espada, deixei para trás meu nome, riquezas e títulos. Me deserdei e logo isso se tornou recíproco por parte de minha família. Preferi viver roubando os outros do que roubar uma felicidade que deveria pertencer a ele.

— Falou tristemente. Notou que ambos os seus companheiros o encaravam.

— É egoísta, eu sei. Mas não havia nada que eu pudesse ter feito.

— Não estamos te julgando, Lorenzo. Não mesmo. — Falou o anão.

— Você fez o que estava ao seu alcance. Se foi o certo, receio que não cabe a nós decidir.

O silêncio retornou

— eu e os mortos vamos manter vigília de novo. — Começou Azarias, imediatamente procurando deixar de lado o momento que acabara de ter

O anão assentiu, o ladrão concordou, e o elfo permaneceu lá, deitado, pensando consigo mesmo.

Obrigado Natalino por criar uma história tão bela como essa

Guardado em 17/06/2024